

(RE) SIGNIFICANDO A AFRICANIDADE NA ESCOLA

Ana Márcia Targino de Oliveira

(UEPB/BOLSISTA PIDIB)

Ana Paula Pereira

(UEPB/BOLSISTA PIBID)

Valdeci João da Silva

(UEPB/BOLSISTA PIBID)

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um relato de experiência dos alunos PIBID do Subprojeto de Língua Portuguesa/UEPB Campus III com a supervisão do professor coordenador institucional Dr. Juarez Nogueira Lins e a supervisora Maria das Dores Justo, propomos relatar nossa experiência no âmbito escolar, de modo a discutir a realização do Projeto intitulado *Africanidades*.

Ao voltarmos do recesso escolar, após o término do primeiro semestre, começamos a refletir sobre nossas práticas do semestre anterior e entendemos que o aproveitamento até então não estava satisfatório, pois observamos que os alunos estavam com notas baixas e o que é pior, apáticos e também desestimulados, através desses sinais constatamos que alguns alunos poderiam evadir-se da escola com medo da reprovação. As turmas que estavam nessa apatia foram exatamente (2º A e 2º B - turno manhã do Ensino Médio), esse seria o desafio- reverter esse quadro. Foi quando tivemos a ideia de pedir sugestões a eles sobre uma mudança em nossas aulas. Nesse momento começou a aparecer às sugestões e todas elas eram unânimes que deveríamos trabalhar um projeto.

Inicialmente discutimos qual tema seria relevante para que todos se empenhassem em desenvolvê-lo, pois o projeto foi multidisciplinar. Depois de vários temas terem sido ventilados, inclusive sobre africanidades, veio à aprovação das turmas por esse tema que para eles seria de grande importância, pois muitos comentavam que só ouviam falar coisas ruins da África e isso levou a aceitação maior para podermos desconstruir no final do

projeto essa ideia errônea que já estava implantada em suas mentes.

Focamos principalmente no desenvolvimento das atividades que foram realizadas durante o projeto, além disso, discutiremos o tema negritude na escola Brasil e as influências adquiridas da África. Herança deixada pelos nativos deste continente a outros povos, influenciando na formação cultural destes povos. O povo brasileiro é um dos herdeiros da imensa riqueza cultural da África. Do seio da mãe África o Brasil se alimentou, sendo incontestável negar suas raízes africanas. A presença marcante destas africanidades está no modo de vida dos brasileiros, no folclore, nas artes, na formação da própria história do país, entre tantas outras contribuições, que foram deixadas pelos negros africanos em solo brasileiro. Portanto, tratar de africanidades implica em reconhecer o negro como parte da identidade brasileira.

Diante do exposto achamos necessário concordar com Munanga (2001. P.18):

Aqui está o grande desafio da educação como estratégia na luta contra o racismo, pois não basta a lógica da razão científica que diz que biologicamente não existem raças superiores e inferiores, como não basta a moral cristã que diz que perante Deus somos todos iguais, para que as cabeças de nossos alunos possam automaticamente deixar de ser preconceituosas. Como educadores, devemos saber que apesar da lógica da razão ser importante nos processos formativos e informativos, ela não modifica por si o imaginário e as representações coletivas negativas que se tem do negro e do índio na nossa sociedade.

Sabemos que a escola precisa está preparada para combater todo tipo de preconceito e também procurar formar cidadãos conscientes e respeitosos. Nisso podemos observar o que diz CAVALLEIRO (2001, p. 149-150):

A educação antirracista é pensada como um recurso para melhorar a qualidade do ensino e preparar todos os alunos e alunas para a prática escolar, a educação antirracista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e ideias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente, etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. É um caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é a valorização da igualdade nas relações.

METODOLOGIA

Escolhido o tema partimos para o título do projeto que não foi difícil chegarmos a um consenso sobre como seria o nome, pois quando falamos em (Re) significando a Africanidades, todos concordaram que seria interessante até porque era esse o nosso objetivo dar um significado novo ao que eles já conheciam, só que de forma estereotipada. Escolhemos colocar na blusa o nome *africanidades* dentro do mapa da Paraíba porque a nossa escola está trabalhando a *historicidade paraibana*.



Inicialmente dividimos os temas para realização de seminários que seriam apresentados na sala de aula. A turma do (2ª ano A) ficou com: O léxico dos ingredientes utilizados na culinária com intervenção africana e a presença de afro-brasileiros em altas esferas do poder seja no executivo, legislativo ou judiciário, autores paraibanos que são afrodescendentes. O (2º ano B) ficou: Presença de afro-brasileiros na literatura e música, afro-brasileiros na pintura, no teatro e na televisão. E no terceiro momento ficamos com a entrevista do professor doutor Waldeci Ferreira Chagas, diretor do Campus III; além disso, organizamos uma viagem à comunidade quilombola e concluímos como uma culminância.

Seguindo a ordem das apresentações tivemos o 2º B com o tema “Presença de afro-brasileiros na literatura e música”. O grupo preparou um slide, um vídeo com Navio Negreiro de Castro Alves e também uma música na voz de Martinho da Vila que fala de Machado de Assis. O terceiro grupo apresentou o seminário sobre o tema “afro-brasileiros em altas esferas do

poder seja no executivo, legislativo ou judiciário.” O grupo trouxe em slide alguns nomes das esferas citadas acima, como por exemplo, o ex-ministro Joaquim Barbosa, a ex-deputada federal Benedita da Silva, entre outros. Fizeram uma apresentação brilhante, em que todos os participante expuseram sua opinião sobre o tema.

O quarto grupo apresentou o seminário sobre o tema: Autores paraibanos que são afrodescendentes: Chica Barrosa, Jackson do Pandeiro, Chico César e Inácio da Catingueira. Demonstraram na apresentação que haviam pesquisado, pois desenvolveram com bastante segurança o assunto, inclusive com destaque para a afrodescendente Chica Barrosa, apesar de pouca informação que temos sobre ela, devido a sua condição de mulher e negra em um contexto que só o homem tinha vez e voz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Finalmente, chegamos à culminância do nosso projeto que se realizou no dia 10 de outubro junto com todos os projetos com os quais o nosso também dialogava. O Projeto foi desempenhado com colaboração de todos, alunos universitários, professor da rede pública e os alunos, o Projeto foi interdisciplinar todos da Escola colaboraram para realização do evento. Cada projeto teve sua sala, onde foram arrumadas com as atividades produzidas pelos estudantes, durante os três meses que estivemos envolvidos. Para a culminância foram preparadas as seguintes atividades: uma dança que contou com um grupo de sete alunas que escolheram uma música de Daniela Mercury *Pérola Negra* para apresentação no auditório e o coral que tinha como título: *Hino à negritude* de autoria de Eduardo Oliveira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que uma escola de qualidade deve formar seus alunos de forma igualitária, sem que haja exclusão em função de raça, credo ou situação econômica.

Para que isso aconteça é necessário romper com os padrões tradicionais que não valorizam a cultura africana que permeia toda a nossa sociedade. Negar que o afrodescendente é importante e fundamental na composição de nossa

cultura é o mesmo que negar a existência de uma cultura brasileira, pois está se estruturou sob os pilares das tradições africanas vinda com os escravos, nos primórdios da colonização. Por isso que o nosso projeto (re) significando a Africanidade foi de fundamental importância, pois os frutos certamente haverão de brotar mais e mais, porque percebemos a mudança de postura dos alunos com relação ao preconceito e aceitação e o respeito pelo outro. A partir dessa experiência exitosa vamos continuar lutando e defendendo o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Apesar da lei 10.639/03 exigir que esse ensino seja de fato concretizado na escola, mesmo assim isso não é ainda obedecido. Em suma, para nós, uma escola moderna e de qualidade deve voltar seus olhos para os excluídos, para a parcela da sociedade que sofre por não conhecer suas raízes, por não saber que a África, mãe primeira de grande parte dos brasileiros afrodescendentes, já brilhou cheia de glória.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. Memórias Póstumas de Brás Cubas. 28ª edição, São Paulo; Editora Scipione, 1994.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural/orientação sexual. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC/SEF, 1998;

CAVALLEIRO, Eliane (org). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

DIOUF, A. Sylviane. As tranças de Bintou. Tradução Charles Cosac. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FERRÉZ, G. Amanhecer Esmeralda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MACHADO, Ana Maria. Menina bonita do laço de fita. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

MUNANGA, Kabengele (org) Superando o racismo na escola. Brasília: MEC/SECAD, 2001.

ASSIS, Machado de. PAI CONTRA MÃE. In: Relíquias da Velha Casa.